

### Capítulo 3 – Nacionalismo, disciplina e pensamento autoritário

No transcorrer da década de 1930, Thomaz Mazzoni já era um jornalista de grande prestígio no meio esportivo paulista. Além de ter se mantido a frente da coluna “Todos os esportes”, publicou entre 1928 e 1934 o anuário *Almanaque Esportivo*, cuja publicação retomaria em 1939. Lançou ainda, ao longo da década, cinco livros sobre o mundo dos esportes. Neles, assim como nas páginas do caderno esportivo d’*A Gazeta*, o cronista dialogou com temas que não estariam necessariamente restritos ao ambiente esportivo. Ao fazerem do esporte um meio de refletir de forma peculiar sobre os dilemas e possibilidades do tempo, seus escritos dialogavam com temáticas de cunho político e mesmo sociológico, colocando-se como parte da reflexão desenvolvida no período sobre o papel do Estado na formação nacional. Foi em meio a tal debate que Mazzoni deu forma a uma construção analítica em que advogava uma identidade para o futebol e o esporte brasileiro calcado fortemente na presença do Estado e na importância da disciplina e da ordem. Se estes eram temas caros a muitos intelectuais do período, o modo pelo qual o cronista o articulava a um evento tão popular quanto o futebol dava a seus escritos um caráter peculiar que merece maior reflexão.

Para dar conta de tal tarefa, cabe analisarmos três das obras do autor lançadas na segunda metade da década de 1930, o período de maior produção literária e crítica de Thomaz Mazzoni: *O Brasil na Taça do Mundo* (1938);<sup>1</sup> *Problemas e aspectos do nosso futebol* (1939);<sup>2</sup> e *Flô, o goleiro melhor do mundo* (1940).<sup>3</sup> Não por acaso, o período de edição de tais livros coincide com os a instauração do Estado Novo e com a própria aproximação do proprietário da *Gazeta*, Casper Líbero, com as hostes governistas - em especial com Getúlio Vargas, que se tornaria amigo do empresário.<sup>4</sup> Como um sujeito dotado de vontade política e que

---

<sup>1</sup> MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Edições e Publicações Brasil: São Paulo, 1938.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, S/e, 1939.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. *Flô, o melhor goleiro do mundo* (1940). São Paulo, S/e. 1940.

<sup>4</sup> Segundo Maurício Stycer a partir de 1933 Casper Líbero passou a apoiar o presidente Getúlio Vargas, inclusive se tornando amigo do governante. Cf. STYCER, Maurício. *História do Lance! Projeto e prática do jornalismo esportivo*. São Paulo, Ed Alameda, 2009. P. 58.

dialogava com seu tempo – fosse ele expresso nas opiniões tanto de seu público leitor ou nas questões empresarias e políticas do período – Mazzoni buscou com seus escritos defender suas ideias a partir das redes de interlocução nas quais estava inserido, o que faz de seus escritos um meio fecundo de entender tanto a força social de tais questões e debates quanto um meio de compreender o modo específico pelo qual o jornalista tentava construir uma proposta de futuro a partir deles.

### 3.1 A identidade brasileira em jogo

Acabada a Copa do Mundo de 1938, onde Thomaz Mazzoni foi o enviado especial para cobrir o torneio, o cronista a pedido de alguns colegas de profissão<sup>5</sup> e estimulado pela boa repercussão que suas crônicas tiveram entre o público,<sup>6</sup> decidiu publicar uma compilação de textos de sua autoria sobre o evento. Mais do que o reconhecimento de seus colegas de profissão, este segundo motivo seria preponderante na decisão. Não somente pela apreciação de seu trabalho pessoal, mas o evento de 1938 mobilizou de forma inédita até então a população e a imprensa esportiva brasileira, por esta razão, não seria por acaso que o livro *O Brasil na Taça do Mundo*, 1938, tenha recebido três novas edições somente naquele ano, e uma quarta comemorativa lançada em 1950. Este título foi até meados de 1950 a obra esportiva mais vendida do Brasil,<sup>7</sup> atestando este grande interesse em torno do torneio.

Tamanho interesse pode ser explicado por diferentes motivos. Isto porque, ao longo das primeiras décadas do século XX, o esporte foi pouco a pouco ganhando uma força simbólica que estimularia nacionalismos em diferentes países através da instauração dos torneios internacionais. Sobre este aspecto, Hobsbawm afirma que a dimensão identitária da nação tem um *locus* especial nos esportes, que seriam uma espécie de reduto do nacionalismo moderno<sup>8</sup>. Nesse processo, as Copas do Mundo de futebol teriam se transformado, ao longo de sua história, em eventos símbolo desse nacionalismo e da memória construída para diferentes

---

<sup>5</sup> MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Op. Cit. P. 8 – 12.

<sup>6</sup> RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2007. P. 100.

<sup>7</sup> MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Op. Cit. P. 20.

<sup>8</sup> HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1990. P. 169.

nações. Exemplar, nesse sentido, foi o caso da Itália, quando o governo fascista fez dos esportes o exemplo da grandeza da raça italiana e dos progressos que este regime empreendia naquele momento. O próprio Mussolini, antes da final da Copa de 1934, na qual a Itália enfrentava a Tchecoslováquia, enviou um telegrama aos seus jogadores com a seguinte frase: “vencer ou morrer.”<sup>9</sup> Deixava clara, assim, toda a importância e dramaticidade assumida pela competição, fazendo do futebol um meio de definir uma forma para a nação italiana e para o regime fascista. Portanto, o futebol ganhava crescente importância simbólica naquele período, e em diferentes países construíram-se discursos que faziam do selecionado nacional um verdadeiro espelho da nação.

No Brasil, especificamente após a instauração do Estado Novo, o esporte passou a atrair maior atenção do campo político. Se nas primeiras edições da Copa do Mundo, em 1930 no Uruguai e 1934 na Itália, o país fora representado em campo por times que estavam longe de se caracterizar como verdadeiros selecionados, em virtude de cisões dentro do campo esportivo, em 1938 a situação seria bem diversa. Com o fim das divisões esportivas, o novo regime deu o maior apoio que a seleção tinha visto até aquele momento. A própria filha do presidente, Alzira Vargas, seria a madrinha da seleção, mostrando todo cuidado e preocupação com a delegação e com o campeonato mundial. Tal fato não seria por acaso. Segundo Leonardo Pereira, devido à constituição social e racial do time brasileiro este se tornou um cristalizador dos ideais de harmonia social e furor nacionalista que eram propagandeados pelo Estado Novo, servindo como aliado na disseminação do projeto ideológico do governo.<sup>10</sup> O fato de que brasileiros de diferentes origens pudessem se reconhecer no selecionado enviado à França, aliado ao fato de que pela primeira vez as partidas eram transmitidas pelo rádio, novidade ainda recente, explicavam assim o interesse diferenciado do público brasileiro pelo evento. Foi aproveitando-se desse interesse geral pela Copa que Mazzoni lançou seu livro, cujo sucesso seria atestado por três novas edições somente naquele ano.

---

<sup>9</sup> AGOSTINI, Gilberto. “A estetização da política e a fascinação do futebol”. In *Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Ed Mauad, 2002, P. 64 – 65.

<sup>10</sup> PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2000. P. 335.

Outra novidade que se seguiu ao evento foram dois fatos que tocavam a imprensa esportiva. Pela primeira vez no Brasil aconteceria uma transmissão ao vivo, via rádio. O custo do empreendimento foi patrocinado pela cadeia de Emissoras Byington (formada pelas rádios Cruzeiro do Sul e Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, Cosmos e Cruzeiro do Sul em São Paulo), junto com *O Globo*, *Jornal dos Sports* e patrocínio exclusivo do Cassino da Urca. O locutor das partidas seria Gagliano Netto, e o comentarista Thomaz Mazzoni.<sup>11</sup>

Ao se propor a fazer do futebol um meio de pensar a nacionalidade, Mazzoni colocava em pauta, no livro, uma questão que vinha também sendo discutida, naquele momento, pelo jornalista Mário Filho - comandante do caderno esportivo d' *O Globo* e proprietário do diário esportivo *Jornal dos Sports*. De formas distintas, Thomaz Mazzoni e Mário Filho, meses antes da Copa do Mundo, publicaram cotidianamente matérias sobre a seleção brasileira e sua preparação, assim como sobre a importância daquele momento e do papel da torcida brasileira em todo o processo que se iniciava. Na *Gazeta*, podemos observar grande mobilização e publicidade em prol da “A campanha dos selos”, que tinha como objetivo arrecadar fundos para a viagem do selecionado nacional até a Europa. Sobre esta campanha Thomaz Mazzoni afirmou:

“A 'Campanha do Selo', a tão bem inspirada iniciativa, teve um sucesso invulgar, ao se iniciar há dias, no Rio, está quase esgotada a emissão de 100 mil selos. (...) Os que adquirirem o 'selo cebedense' não só auxiliarão patrioticamente o comparecimento do Brasil na III 'Taça do Mundo' como se tornarão, igualmente, candidatos a um lugar na delegação por...500 réis. Assim, enquanto os 'fans' gastarão uma quantia tão modesta, a C.B.D., para cada emissão, arrecadará 50 contos, uma quantia que muito contribuirá para a nossa seleção viajar com maior comodidade, para melhor se hospedar na França, etc. Adquirir o 'selo' não é, pois, somente a esperança própria de se ir à Europa assistir o Campeonato Mundial, como também um ato patriótico para melhor servir o nosso ideal comum de vermos o Brasil atingir o posto supremo no futebol internacional que seria a conquista da 'Taça do Mundo!'”<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Mesmo quem não tinha rádio poderia acompanhar as partidas, já que em diferentes lugares tanto governos quanto empresas montaram um esquema de irradiação em praças públicas. CF. DOS SANTOS, Jorge. “Os debates dos anos 30 e 40” In *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890 – 1947)*. Dissertação de mestrado, Departamento de História da USP. São Paulo, 2000. P. 165.

<sup>12</sup> *A Gazeta*. 6 de Abril de 1938. Apud. NEGREIROS, Plínio J. L. de. “Futebol nos anos 30 e 40: construindo a identidade nacional” In COSTA, Márcia Regina (org.) *Futebol, espetáculo do século*. São Paulo, Ed. Musa, 1999.

Para Thomaz Mazzoni a campanha dos selos, mais do que uma ajuda ao selecionado nacional, seria um “ato patriótico” de todo brasileiro. Assim, colocava o torcedor como responsável pelos destinos do time. A metáfora da nação estava personificada na seleção e seriam todos os brasileiros, independente de raça, classe social, time, estado, os responsáveis por ela. Neste sentido, o evento tornou-se um elemento crucial na construção simbólica de uma nacionalidade brasileira, ou pelo menos da *comunidade imaginada*<sup>13</sup> por alguns agentes desse processo. Por isso, a cobertura dos jornais de época passa uma ideia de que este não foi um evento qualquer: era como se o destino do Brasil estivesse sendo decidido nos campos, como comenta Plínio Negreiros.<sup>14</sup>

Já para Mário Filho, o discurso se baseava na mesma questão, mas exposto fora da campanha dos selos. Reforçando a ideia de congregação da nação e também de patriotismo, afirmou que “observou-se um movimento inédito em nossa vida esportiva: a colaboração de todas as classes para uma representação esportiva”.<sup>15</sup> Para o cronista, o enfoque textual se baseava na construção de uma imagem hiperbólica da união da torcida brasileira que, segundo ele, independente de suas diferenças estariam juntos por um mesmo ideal. Em outro texto, Mário Filho enfatizava ainda mais esta ideia. Segundo o jornalista, “nunca se presenciou um espetáculo semelhante de união de entusiasmo e solidariedade”, em um furor nacionalista que, para o autor, tomava toda a nação. Por isso se presenciava “a importância que adquiriu a representação do Brasil na Copa do Mundo. Não se tratava de uma questão esportiva (...), era uma questão nitidamente nacional erguendo uma onda de sadio patriotismo”.<sup>16</sup> Assim, o bom desempenho do time não seria a “realização de promessas e sim a execução de um compromisso de honra”<sup>17</sup> por parte dos jogadores em relação à nação - que já havia se esforçado na compra dos selos e também por sua mobilização. Dessa forma, seria sob o apoio inédito do Estado brasileiro e forte exaltação da imprensa esportiva que a seleção brasileira seguia para a sua terceira participação em Copas do Mundo.

---

<sup>13</sup> Sobre o conceito de nação como uma “comunidade imaginada” Cf. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo. Ed. Ática, 1989, Cf. HOBBSBAWM, Eric. Op. Cit.

<sup>14</sup> NEGREIROS, Plínio J. L. de. Op. Cit. P. 128 - 132.

<sup>15</sup> *Jornal dos Sport*, 4 de Junho de 1938.

<sup>16</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de Maio de 1938.

<sup>17</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de Maio de 1938.

Foi neste contexto que o jornalista de *A Gazeta* produziu uma série de crônicas, tanto sobre a equipe brasileira, seu desempenho, seus jogadores, arbitragens, outras equipes etc. Compiladas em um único livro, tais textos ganhavam nova força e coesão argumentativa. Logo no início do livro o escritor constrói uma dicotomia – que acompanha todo o transcorrer da obra - entre o futebol sul americano e o europeu. Segundo ele, se no início da prática do futebol no Brasil o modelo europeu de jogar futebol era o que deveria ser seguido, em especial o jogo inglês, em meados do final da década de 1930 a questão já se colocaria de forma diferente. O estilo sul-americano, e brasileiro especificamente, graças às condições climáticas do país e étnicas de seus jogadores, deveria ter sua própria forma de se desenvolver e praticar o jogo da bola. Esta ideia chave no pensamento do cronista começava a ser desenvolvida logo nas primeiras crônicas de *O Brasil na Taça do Mundo*. No texto “O encontro França X Inglaterra visto com olhos sul americanos”, que tratava do amistoso entre França e Inglaterra, escreveu:

“O seu jogo é maciço, muito maciço, especialmente porque se baseia, em primeiro lugar, na marcação. (...) O jogador europeu, e especialmente o britânico, é um intoxicado de teorias, é um jogador mecanizado de tantas táticas a que está sujeito.”<sup>18</sup>

O jornalista, com o olhar de um homem que vivia e acompanhava o futebol praticado no Brasil e na América do Sul, criticava o estilo de jogar inglês - que outrora era compreendido pelos brasileiros como exemplo de futebol, por serem eles os inventores do esporte.<sup>19</sup> Com ironia, referia-se ao time inglês como os “senhores absolutos do jogo”, atacando assim a resistência que a equipe inglesa teve em aceitar disputas internacionais contra outras seleções – o que seria para ele uma tentativa de monopolizar a organização do futebol e demonstração de soberba frente a adversários supostamente mais fracos. Seria assim através da construção de uma visão crítica sobre as diferenças entre o estilo sul-americano e o inglês que Mazzoni começava a afirmar uma identidade para o futebol

<sup>18</sup> MAZZONI, Thomaz. “O encontro França X Inglaterra visto com olhos sul americanos”. Op. Cit. 18 – 19.

<sup>19</sup> Na inserção do futebol no Brasil jovens da elite carioca e paulista entendiam sua prática a celebração de seus cosmopolitismo e refinamento tornando o esporte um modismo elegante e que tinha na imitação de princípios e técnicas inglesas uma das virtudes principais dos jogadores. Cf. PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. 2000. P. 31 – 36.

brasileiro.<sup>20</sup> Ao final da crônica, o cronista é categórico ao reafirmar estas diferenças: “ou nós, sul-americanos, não sabemos jogar ainda o futebol, ou então esse futebol europeu já é tempo de ser levado como errado!”<sup>21</sup> Mazzoni, então, inverte a tese que defendia a superioridade inglesa nos campos por serem os inventores e modelos a seguir da prática futebolística, passando a afirmar a superioridade do futebol brasileiro e sul-americano.

Esta superioridade era explicada a partir de argumentos baseados em questões biológicas e culturais. Para Thomaz Mazzoni, teria o sul-americano um talento inato para o futebol, isto porque “na América do Sul, nasce-se com o instinto futebolista, na verdade; entretanto, é certo que ele aprende de ‘per si’, sem ler tratados, sem perder tempo em teorias. Ao invés, na Europa nada é instintivo, tudo é por lições, por ginástica”.<sup>22</sup> Deste modo, o autor entendia o talento futebolístico do sul-americano como algo natural, ou seja, dom que já nascia com os jogadores deste continente que por isso não precisariam de nenhum conhecimento para aprender a jogar futebol. Em contraponto, o europeu seria um tipo de jogador que só quer “saber de teorias e da literatura”, sendo o resultado disso a crença de que “o futebolista europeu somente sabe jogar mecanicamente.”<sup>23</sup> Dessa forma, o futebol, mesmo sendo um esporte originário da Inglaterra, já podia assumir uma forma nacional, um tipo de jogo que o brasileiro “aprende de per si” através de suas especificidades físicas e culturais.

Esse talento inato de jogar futebol, feito de improvisação, mobilidade e técnica apurada, foi exemplificado pelo autor na figura de Leônidas da Silva, o artilheiro da Copa de 1938. Para Mazzoni, ele havia sido “a figura mais sensacional do torneio”.<sup>24</sup> A exaltação do craque era, para o autor, uma forma de enfatizar a aptidão inata que, supostamente, o brasileiro teria para o futebol. Se no

<sup>20</sup> Para Simoni Guedes, os significados associados à nação e às alteridades que a constroem são reescritos e atualizados nas competições internacionais importantes, para o jornalista a oposição é realizada na comparação entre o estilo europeu e brasileiro de jogar futebol. Seriam os “ingleses”, segundo Guedes, parte de um mito de origem, uma espécie de “outro” primordial, e no entrecruzamento entre esses dois estilos surgem às dicotomias entre “nacional” versus “inglês colonizador”, e o “povo” versus a “elite.” Cf. GUEDES, Simoni. “De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil” In (org.) GASTALDO, Édison Luis e GUEDES, Simoni. *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói, Ed. Intertexto, 2006, P. 131.

<sup>21</sup> MAZZONI, Thomaz. “O encontro França X Inglaterra visto com olhos sul americanos”. Op. Cit. P. 21.

<sup>22</sup> MAZZONI, Thomaz. “O futebol sul-americano é incomparável inegavelmente”. Op. Cit. P. 88.

<sup>23</sup> Ibidem. P. 86.

<sup>24</sup> MAZZONI, Thomaz. “Leônidas, a figura mais sensacional do torneio”. Op. Cit. P. 68.

início do livro Thomaz Mazzoni construiu a dicotomia entre europeus e sul-americanos, a atuação e a figura do atacante da seleção serviam nele para ilustrar a especificidade brasileira em relação aos jogadores sul-americanos. Ao falar do centroavante, afirmava que este foi “assombroso”, levantando aplausos da torcida francesa – como se a França exaltasse o talento brasileiro, a força e a perícia que o jogador caracteriza. Diante da atuação de Leônidas contra a Polônia na estreia do Brasil na Copa, quando este marcou quatro gols, escreveu:

“Em improvisação, Leônidas fez o impossível. Cada lance do avante flamenguista era uma corrente elétrica de entusiasmo na multidão! Arte de bruxaria... E Leônidas era guardado por três policiais poloneses, que o tratavam sem cerimônia, recebendo, porém, sempre o troco... Sim, Leônidas desafiava os antagonistas no jogo agressivo! O ‘negrinho’, sem poupar coragem, andou pisando, para impor respeito”.<sup>25</sup>

Percebe-se o uso da palavra “improvisação” usada também em outros textos de Mazzoni para falar de Leônidas, o que seria o inverso dos adjetivos usados para designar os ingleses, “maciço”, “mecânico”, “intoxicado de teorias”. Dessa forma, podemos acreditar que na concepção de Thomaz Mazzoni um jogo cheio de “improvisação” era uma das características positivas e marcantes do futebol brasileiro. Salienta também a gravura do homem brasileiro que, mesmo sendo marcado com violência pelos “policiais” poloneses, os superou e ainda lhes deu o troco não só no jogo, mas também em pontapés – mostrando o orgulho pela performance do jogador que traduziu toda a coragem e força do homem brasileiro. Novamente, o time seria a metáfora orgânica da nação, mais exatamente, da ideia de nação que se queria construir para o Brasil.

Porém, o uso do termo “negrinho” evidenciava que mesmo no elogio da atuação e da coragem do jogador Leônidas estaria latente o preconceito em relação a homens de sua cor por parte de alguns membros da sociedade brasileira. Através de Leônidas o jornalista construía uma ambiguidade que marcava todo seu discurso de nacionalidade. Se por um lado deixava transparecer uma diferenciação étnica e social entre ele e o jogador brasileiro, por outro, estas mesmas características étnicas de jogadores como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, eram para Mazzoni o elemento que diferenciava de forma positiva o futebol brasileiro dos demais sul-americanos. Se antes a cor e as condições sociais

---

<sup>25</sup> MAZZONI, Thomaz. “Uma partida do arco da velha”. Op. Cit. P. 40.



pareciam um limite para jogadores como Leônidas, seu desempenho esportivo fez com que a imprensa se tornar-se sua principal defensora. Segundo tal perspectiva, o desempenho em campo, independente de etnia ou classe social, que seria importante.

O elogio à atuação de Leônidas da Silva deixava claro que Thomaz Mazzoni apreciava o estilo de jogo do atacante brasileiro. Estilo de jogo este que segundo o próprio jornalista, em crônica publicada originalmente em 1939 e depois republicada em obra de 1942, seria fruto de suas características étnicas:

“Um dos principais aspectos da evolução técnica e estilística do nosso futebol, especialmente nesses últimos 20 anos, reside no triunfo do futebol ‘colored’, em nossos campos oficiais. Teve influência decisiva na nova tendência que se apoderou do nosso jogo, dando-lhes cada vez mais cunho de malabarismo e improvisação, tornando-o enfim típico bem brasileiro”.<sup>26</sup>

Portanto, se no momento da escrita de *O Brasil na Taça do Mundo*, Thomaz Mazzoni não chegou a analisar diretamente a construção, desenvolvimento e a especificidade do futebol brasileiro, um ano depois ficava clara a sua opinião. O jornalista acreditava que a evolução técnica e estilística do futebol nacional foi fruto do triunfo do futebol “colored” – termo americano que servia para designar “mulato” – em relação a outros tipos de jogo. Por misturar essas características específicas, o jogo praticado pelo Brasil se diferenciava dos demais, permitindo formar e construir uma escola brasileira de se jogar futebol baseada no malabarismo e na improvisação - termos usados para designar Leônidas da Silva durante a Copa de 1938. E seria a mestiçagem o fator que designava esta identidade nacional construída por intelectuais, pelo Estado e também por jogadores que, como Domingos, explicavam sua habilidade devido à ginga que aprendera dançando samba.<sup>27</sup>

Ainda comentando sobre a atuação de Leônidas, Mazzoni escreveu:

“Esse ‘sacy pererê’ da bola foi não só a figura máxima do campeonato pelas suas extraordinárias qualidades de malabarista e improvisador como por ter sido o “artilheiro” nº 1, pois Leônidas fez 7 tentos, enquanto que o húngaro Szegeller fez 6 (...) Ele realizou os lances mais brilhantes, as jogadas mais coloridas (...) e

<sup>26</sup> MAZZONI, Thomaz. *Concurso Literário do São Paulo Futebol Clube*. Ed. Legionário. São Paulo, 1942. P. 26.

<sup>27</sup> DA GUIA, Domingos Apud. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Nacional. 2004. P. 69.

também os tentos mais inverossímeis. Aí está o fenômeno. A arte de Leônidas não foi somente bonita aos olhos da “torcida” e estéril, foi uma arte eficiente. (...) Leônidas não foi só o “solista”, ao contrário, ele fez rodar todo o conjunto num eixo seguro, e prova que quando faltou nosso quadro foi julgado irreconhecível.”<sup>28</sup>

Neste trecho, ao associar Leônidas à figura do Sacy Perêre o autor novamente fazia referência a conceitos que possuem relação com a mestiçagem. Esta personagem do folclore brasileiro em uma de suas versões teria inicialmente duas pernas, e para outros apenas uma - surge através de um mito indígena ao qual foram acrescentadas contribuições de elementos africanos e europeus. Inicialmente chamava-se *Yaci – Yaterê* e seria um índio, mas teria ganhado e o nome de *Sacy* – que vem do Tupi-guarani *Çaa cy perereg* oriundo do verbo *pererek* que significa pular – por não ter uma perna e andar aos pulos. A pele negra e o pito – espécie de cachimbo - ganhou no contato com o africano e da mitologia europeia adquiriu um gorrinho vermelho.<sup>29</sup>

No aspecto comportamental, a principal característica do Sacy seria a de ser muito moleque, malandro e arteiro, e de usar seus poderes mágicos para conseguir o que queria – o que fazia com que estivesse sempre metido em confusões. Leônidas, segundo Mazzoni, também tinha poderes quase mágicos, já que praticava os “lances mais inverossímeis”, anteriormente também se referia a seus feitos como “arte de bruxaria”.<sup>30</sup> O atacante brasileiro e seu estilo de jogo – cheio de improviso, malabarismo e ginga – também poderia ser chamada de “moleque” e travesso, enganando sempre os adversários - como que no lance de um dos gols contra a Polônia, quando estava descalço e, aproveitando a bola que vinha em sua direção, conseguiu marcar o gol. Por fim, a exemplo do *Sacy*, algumas confusões fizeram parte de sua carreira, entre elas o suposto roubo do colar durante um amistoso<sup>31</sup>, sua prisão ao final da década de 30 e as brigas com técnicos e com o presidente do Flamengo, Gustavo de Carvalho. Deste modo o cronista, seja na diferenciação entre sul-americanos e europeus ou no acentuado elogio a Leônidas

<sup>28</sup> MAZZONI, Thomaz. “Leônidas, a figura mais sensacional do torneio”. Op. Cit. P. 68.

<sup>29</sup> PORTO, Idelma Maria Nunes. “Leitura e análise linguística: narrativa com o mito Sacy-Pererê. In *CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*. 2007.

<sup>30</sup> Vale frisar que o uso do encantamento é estendido a todo o time no encontro contra a Tchecoslováquia. Segundo o jornalista, “os Tchecos chegaram a ficar como que enfeitiçados.” MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Op. Cit. P. 42.

<sup>31</sup> Sobre esta acusação nenhuma prova fora encontrada, e nada ficou comprovado contra o jogador. Mas para saber mais sobre a vida de Leônidas da Silva, as confusões e os elogios ao seu estilo de jogo Cf. SOUZA, Denaldo de. Op. Cit. P. 117 – 170.

da Silva, construía uma identidade para o futebol brasileiro que através de suas características seria superior aos demais.

Também durante o período da Copa do Mundo de 1938, o intelectual Gilberto Freyre após mais uma vitória da seleção brasileira teceu alguns comentários. Em artigo intitulado “Futebol mulato” e publicado em *Diário de Pernambuco* escreveu:

“Nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha foi até hoje a melhor firmação na arte política. Os nossos asses, os nossos pitu`s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.”<sup>32</sup>

Freyre, assim como fez Thomaz Mazzoni em “O encontro França X Inglaterra visto com olhos sul americanos”, demarcava as diferenças no estilo de jogo do time do Brasil em relação aos europeus, e com isso acaba inventando ou reforçando as singularidades para a nação que pretendia construir. Nas palavras de um dos principais pensadores do período o esporte através do viés da mestiçagem construía sua identidade nacional. Em Freyre, o país se reconhecia mestiço, e no futebol não seria diferente sendo fortemente influenciado por elementos afro-descendentes como a capoeira, a dança, e contagiado pelo *mulatismo flamboyant* e sua malandragem que, para o intelectual, é tudo o que estava no que era verdadeiramente brasileiro. Nesse fragmento novamente seriam os ingleses o outro primordial do qual se referia Guedes, afirmando que o brasileiro “arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses”.

Todavia, apesar dessa superioridade afirmada, não foi o Brasil quem venceu a Copa do Mundo de 1938. O livro trata, assim, de tentar dar uma explicação para a vitória a seleção italiana em campos franceses. Por esta razão, nos subcapítulos “Penal absurdo” e “A tarde infeliz de Marselha que alijou o Brasil da luta pelo título”, o autor descreveu aquilo que, em sua análise, contribuiu para a não concretização do título do Brasil.

---

<sup>32</sup> FREYRE, Gilberto. “Futebol mulato” In *Diário de Pernambuco*, 17 de Junho de 1938.

A primeira razão pela derrota brasileira para a Itália na semifinal foi no entender do jornalista a ausência de Leônidas da Silva naquele jogo. No início da crônica “A tarde infeliz de Marselha que alijou o Brasil da luta pelo título”,<sup>33</sup> o autor relata o momento exato em que a imprensa e parte da delegação soube que Leônidas da Silva não iria poder estar em campo:

“Diremos, sinceramente, aos nossos caros leitores que uma profunda tristeza nos invadiu o coração, destino maligno do Brasil na Taça do Mundo. Por que este destino nos castigava, assim, tão impiedosamente, a ponto de tirar-nos do quadro justamente o homem mais precioso, mais cintilante dos jogadores?”.<sup>34</sup>

Este trecho traduz bem o estilo pelo qual Thomaz Mazzoni construía seus textos e, dessa forma, trazia sucesso e popularidade para sua coluna e para o caderno esportivo que capitaneava. De forma informal e simples, dava a impressão de estar conversando diretamente com o leitor e transparecendo suas emoções pessoais e de torcedor de forma bastante sincera e direta. “É o destino que nos marcou”, afirmava Mazzoni, em palavras que faziam da derrota o fruto de um acaso que fugia à lógica. Em meio a essa construção lúdica da realidade, foi enfático ao afirmar que:

“Leônidas, somente Leônidas, poderia ter dado espírito, jogo, brilhantismo e realização ao nosso ataque, com Leônidas teríamos vencido. Em minha já longa carreira de jornalista esportivo – acreditem, caros leitores – nunca escrevi com tanta convicção, com tanta certeza quanto agora. Sem Leônidas não poderíamos vencer a Itália; sem Leônidas – podem estar absolutamente certos disso – não teríamos vencido a Checoslováquia e, no entanto, quase que o nosso centro-avante deixa de participar da partida contra os checos!”.<sup>35</sup>

Frente à evidência da falta que Leônidas fez à equipe brasileira, constatava que mesmo os resultados vitoriosos antes da semifinal, como contra a Checoslováquia, seriam improváveis. Por outro lado, sua certeza de que a presença do jogador teria resultado na vitória a equipe brasileira frente à Itália demonstrava a força que passava a ver em jogadores como o atacante. “Sem ele”, concluía Mazzoni, “o ataque entrou nas trevas, perdeu a vista, perdeu a lucidez,

<sup>33</sup> Que foi escrita pelo autor no caminho de trem entre Bordeaux e Marselha, ou seja, logo após a partida contra os italianos, ou seja, no instante em que a delegação brasileira voltava e no calor do momento da notícia sobre a ausência de Leônidas. O jornalista fez questão de identificar a situação em que escrevia o texto, para assim contextualizar e posicionar melhor o leitor acerca da situação.

<sup>34</sup> MAZZONI, Thomaz. “A tarde infeliz de Marselha que alijou o Brasil da luta pelo título”. Op. Cit. P. 47 – 48.

<sup>35</sup> Ibidem.

perdeu o leme”<sup>36</sup> - ou seja, perdeu a direção e a liderança. Dessa forma, se via no jogador o “negrinho”, não deixava de reconhecer em sua figura o fator da superioridade nacional.

Além “desse castigo”, no entanto, Mazzoni ainda apontava outro fator para a derrota do time nacional: o árbitro. Segundo seu relato, o pênalti que gerou o segundo gol e deu a vitória aos italianos não teria acontecido. Por esse motivo, criticava duramente o árbitro da partida:

“Era necessário, além desse castigo, aquele outro, o do árbitro? Que lastima! Que cavalheiro desastrado! Que ‘fantomas’ equipado de juiz de futebol esse ilustre suíço! Onde já se viu conceder um penal daquela marca? Até agora não pudemos encontrar uma justificção para a penalidade sem pensarmos que esse apitador europeu tenha pretendido reforçar de vez a vitória contrária, negando, depois, outras falhas gravíssimas a nosso favor. Se esse indivíduo tem consciência, o ‘penal’ que ele marcou contra o Brasil deve pesar-lhe por toda a vida, deve ter remorsos por ter decidido uma semifinal do Campeonato do Mundo com uma estúpida decisão, um furto, um crime (...).

Apitar uma tal falta, numa partida semifinal do Campeonato do Mundo, é uma barbaridade, uma selvageria, somente dignas dos super-civilizados juizes europeus! (...)

Os juizes sulamericanos também cometem furtos, porém, não usam a máscara ... Na Europa os homens do apito furtam de ‘smocking’ e luvas ... Mais uma lição.”<sup>37</sup>

Do ponto de vista de Mazzoni, a única explicação para o ocorrido seria uma suposta vontade do juiz de “reforçar de vez a vitória contrária”, o que teria levado a não marcação de outras faltas a favor do Brasil. O cronista deixava claro que duvidava da honestidade dos árbitros do torneio, e mais ainda, que esta desonestidade estaria endereçada a equipe brasileira especificamente. Mais do que indignado, o autor também demonstrava o espírito ufanista e reforçava a alteridade em relação aos europeus, ao escrever que esse absurdo só poderia ter sido feito por europeus, aos quais chama de “supercivilizados”, usa o artifício da ironia para ridicularizá-los, e modo a desconstruir a noção de superioridade atribuída aos europeus.<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> MAZZONI, Thomaz. “Penal absurdo”. Op. Cit. P. 49 - 51.

<sup>38</sup> Desde o início da introdução dos esportes no Brasil havia uma noção de que os brasileiros, mais do que os europeus, por serem naturalmente mais aptos, precisariam de exercícios físicos em uma clara interpretação que via de forma natural o brasileiro em estágio de inferioridade em relação aos europeus. Cf. PEREIRA, Leonardo. Op. Cit. 43.

Mesmo compartilhando com boa parte de seus contemporâneos as teorias e ideias de superioridade do jogador brasileiro, no entanto, Thomaz Mazzoni construía também outra identidade sobre o estilo brasileiro. Esta identidade estaria mais atrelada a uma visão crítica em relação ao excesso de folclore e academicismos no jogo coletivo da seleção. Basicamente, o que o jornalista chamou de academicismo, ou jogo acadêmico, seria o excesso de toque de bola, lances e dribles sem objetivo claro ao resultado, o que acabava resultando em uma alta posse de bola para o selecionado brasileiro, mas sem converter em gols. Ou seja, o brasileiro seria naturalmente melhor, mas precisava da objetividade do estilo de jogo europeu. E contra esta atitude, o jornalista foi bem crítico e enfático em suas análises, como veremos a seguir.

Um dos jogos onde essas críticas ficaram mais latentes foi na estreia da seleção brasileira contra a Polônia. No primeiro tempo contra os europeus, criticou o time brasileiro que, por ter boa vantagem, “se convenceu em demasia da sua superioridade, exagerou com a academia, ‘posou’ demais.” Continuando, dizia que “cada jogador brasileiro deu verdadeira lição de estilo; mas o mal foi justamente cuidar-se mais da técnica, em prejuízo da mobilidade e impulso do conjunto.”<sup>39</sup> A malícia e a arte, que contrapunha a objetividade, positivadas em outros momentos do discurso são indiretamente criticadas quando afirmou que:

“Um jogo fácil que os brasileiros, lamentavelmente, insistiram em tornar difícil. Felizmente, a habilidade pessoal dos ‘azes’ acabou por se impor, não porém, sem primeiro deixarmos de lidar muito com a bola no meio campo, como floreios inúteis, verdadeira doença que dominou nosso jogo na 3ª Taça do Mundo.”<sup>40</sup>

Os citados floreios, segundo a pena do jornalista, teriam se tornado o grande problema do selecionado nacional. Se os mesmo floreios eram vistos por Gilberto Freyre como um estilo próprio dos jogadores brasileiros, na opinião de Thomaz Mazzoni tal característica era vista como falta de disciplina. Mostra, portanto, se apropriar de uma maneira própria da ideia de superioridade brasileira. Esta seria uma superioridade latente, mas que só se materializaria através do uso da disciplina.

Prosseguindo o texto escreveu que “ao invés de progredir, dando velocidade ao jogo, começou a procurar ver dançar diante de si o quadro contrário”. Não

---

<sup>39</sup> Idem. P. 38.

<sup>40</sup> MAZZONI, Thomaz. “O nosso último jogo, a terceira vitória, o terceiro posto”. Op. Cit. P. 61.

havia segundo ele nenhuma preocupação em chutar ao gol e ser efetiva, efetividade que foi uma das características elogiosas em relação a Leônidas.<sup>41</sup> Os floreios e as fintas demoradas, o que podemos entender como as danças que Freyre escreveu, seriam negativas, e o exemplo do que deveria ser feito estaria em raros momentos proporcionados por alguns jogadores, como o gol feio contra a Suécia por Romeu que “deixando de lado a série irritante de passes e mais passes, resolveu avançar sozinho, em velocidade, e habilmente, como só um jogador brasileiro pode fazer”. Dessa forma, em sua argumentação, o cronista permeava suas opiniões entre a crítica ao jogo coletivo e o elogio da qualidade individual do jogador brasileiro.

A discussão levantada por Thomaz Mazzoni se baseava no fato que a qualidade individual permitia aos jogadores brasileiros fazerem jogadas que prezavam pela beleza e estética, mas que não traduziam a verdadeira superioridade da equipe frente às outras. Para o jornalista, o “jogo acadêmico” é:

“vistoso, encantador, mais incapaz de traduzir a verdadeira superioridade técnica e de estilo dos nossos azes, muito especialmente em confronto com os jogadores europeus, que estão longe, muito longe, de possuir a habilidade, a esperteza e o instinto dos azes brasileiros.

(...) O que se viu foi, nesse campeonato mundial, que os nossos jogadores cansaram de tontear os adversários, mas, ao invés de progredir com a bola, no campo oposto, estacionaram inutilmente ou mesmo retrocederam. Com essa tendência de parar para dar, receber, tornar a dar a bola ao companheiro mais próximo, seja na retaguarda, seja no meio do campo, seja no campo oposto, mata toda a velocidade, toda a improvisação”.<sup>42</sup>

Segundo o jornalista, mesmo os “europeus, que estão longe, muito longe, de possuir a habilidade, a esperteza e o instinto dos azes brasileiros”, conseguiram se equiparar no conjunto contra a seleção nacional, em virtude do uso do jogo acadêmico. Isso porque os adversários, apesar de serem tecnicamente inferiores, não sofriam perigo, já que o jogo da seleção não progredia - pelo contrário, “estacionaram inutilmente ou mesmo retrocederam”. Tal fato, “mata toda a velocidade, toda a improvisação” que eram as grandes características do futebol brasileiro. Assim, o “jogo acadêmico” impedia aquilo que mais destacava não somente Leônidas da Silva, como também singularizava o estilo brasileiro de jogar futebol. Na mesma crônica, também culpava este tipo de posicionamento em

<sup>41</sup> Para o autor a magia e a arte do jogador não foram estéreis, e sim eficiente, fazendo todo o time jogar.

<sup>42</sup> MAZZONI, Thomaz. “O detalhe técnico mais importante da atuação dos brasileiros”. Op. Cit. P. 73 – 74.

relação ao jogo coletivo por deixar desprotegida a defesa, que em razão do avanço e do floreio dos “médios”, o trio de defesa ficava corriqueiramente desprotegido. Dessa forma, seria o brasileiro superior em suas habilidades físicas, mas inferior na forma de entender o jogo, isto é, a importância da competição e daquelas partidas de uma maneira geral.

Neste sentido, a exaltada qualidade técnica individual do jogador brasileiro ficaria escamoteada sob um jogo coletivo sem eficiência e objetividade. Assim, não bastaria à seleção ser a melhor individualmente: era preciso ser coletivamente eficiente. Apesar da superioridade que afirmava para o jogador brasileiro, ele via nisso, assim, a lição que ainda poderíamos aprender com os europeus – como mostram seus comentários sobre a seleção italiana:

“O XI da Itália, antes de mais nada, tem supremacia na Europa, porque os seus ‘azes’ são, individualmente, melhores que os demais. É verdade que a força do conjunto, o jogo coletivo, é feito com perfeição; mas isso não é uma questão de tática, diz respeito, isto sim, a outros fatores muito mais importantes que a tática, como sejam, os de ordem disciplinar e moral”.<sup>43</sup>

Seriam os italianos a melhor equipe europeia porque possuem qualidade individual e coletiva acima dos demais europeus, mas, principalmente, porque tais fatores estão subordinados a ordem, disciplina e moral de seus jogadores. Seria esta uma disciplina e moral vinda da cultura, e mais especificamente, do regime político que governava a Itália naquele período. Dessa forma, o jornalista balizava suas teorias em relação ao jogo coletivo sob aspectos de ordem externo ao campo de jogo, ou seja, a disciplina e moral dos jogadores italianos que estariam em campo conscientes de sua responsabilidade em relação à importância da competição. Na contraposição aos italianos, os jogadores brasileiros não seriam tão disciplinados e conscientes de seu papel, como ele afirma em uma das crônicas:

“Não há dúvida, o nosso jogador ainda não está compenetrado do rigor da sua responsabilidade profissional, esportiva e cívica, em face de tão grande missão. (...) É uma criança grande, sem dúvida. É questão de mentalidade ainda por evoluir. Isso porém, não depende do próprio futebolista. Antes de tudo, depende no Brasil exclusivamente daqueles que têm a missão de labutar na imprensa, para orientar e educar, depende dos próprios dirigentes do país considerar o esporte o que ele é e fazê-lo uma escola de gente sã de corpo e de espírito.”<sup>44</sup>

<sup>43</sup> MAZZONI, Thomaz. “O futebol sul-americano é incomparável, inegavelmente”. Op. Cit P. 87.

<sup>44</sup> Idem. P. 116.



Portanto, para o jornalista o jogador brasileiro apesar de ser o melhor do mundo em suas qualidades individuais, faltava-lhe a mentalidade, a cultura esportiva necessária para entender os verdadeiros objetivos do esporte e da competição que estavam disputando. Portanto, não seria por acaso que o jogo acadêmico tomou conta da seleção, “as crianças grandes”, como definiu o jornalista, não estariam totalmente compenetrados do objetivo maior do torneio. Já a equipe da Itália tinha de sobra, com uma moral e disciplina que tinha forma exemplar e norteadora para além das quatro linhas. E seria dessa forma também que a equipe brasileira poderia se transformar e evoluir o seu futebol. Tanto o Estado, como dirigentes do país e a imprensa deveriam fazer com que esses atletas entendessem a missão do esporte – ao seu modo de entender seriam questões fora do campo de jogo e não táticas e teorias que ajudariam a determinar os resultados dentro de campo. Neste sentido, Mazzoni tinha a mesma compreensão de Mário Filho a cerca das qualidades naturais do jogador brasileiro, porém, atribuindo um sentido singular a ideia de estilo brasileiro de jogar futebol. Seria o jogador nacional apenas uma pedra bruta que precisava ser lapidada pelos governantes e comandantes do esporte brasileiro.

### **3.2 A oficialização esportiva e o discurso autoritário**

Se a ênfase na questão disciplinar aparece no livro de 1938 um tanto escamoteada pelo encantamento do jornalista em relação ao talento individual do jogador brasileiro, outro trabalho que publicou um ano depois, de caráter mais analítico e doutrinário, se encarregaria de deixar mais claras suas posições. Publicado em 1939, o livro *Problemas e aspectos do nosso futebol* tinha como argumento central a necessidade da oficialização esportiva para o bem do esporte nacional. Organizado novamente como uma compilação de crônicas publicadas na coluna “Olimpicus”, d’ *A Gazeta*, ao longo da década de 1930 – período ao longo do qual Casper Líbero e seu jornal passaram de opositores a apoiadores do regime getulista<sup>45</sup> – ele expunha uma argumentação mais clara, que aprofundava algumas das questões levantadas no ano anterior. Ao tomar os dirigentes esportivos como

---

<sup>45</sup> Segundo Maurício Stycer a partir de 1933 Cásper Líbero passou a apoiar o presidente Getúlio Vargas, inclusive se tornando amigo do governante. Cf. STYCER, Maurício. Op. Cit. P. 58.

alvo, dava assim a ver a outra face da moeda daquelas ideias defendidas no livro anterior.

Através de seu forte posicionamento nos mais diferentes assuntos do esporte nacional, somando a isso a liberdade que possuía em publicar suas opiniões em “Todos os esportes”, na segunda metade da década de 1930 Thomaz Mazzoni produziu uma série de crônicas tratando principalmente da presença do Estado no esporte. Boa parte dos textos de *Problemas e aspectos do nosso futebol* foram escritos nesta última metade da década. Em suma, o livro tinha como objetivo não somente defender a campanha de “oficialização esportiva”, como também fazer uma análise de comportamentos e práticas comuns aos mais diferentes membros do deporte brasileiro. Para analisar aquilo que considerava vícios e problemas dos homens do esporte, o cronista chegou a fazer uma verdadeira análise sociológica acerca desses indivíduos, e a partir daí uma espécie de identidade esportiva nacional, fortemente atrelada à questão da ordem e da disciplina em seus mais diferentes meios.

De fato em *Problemas e aspectos do nosso futebol* Thomaz Mazzoni propôs normas de conduta a dirigentes, jogadores e a imprensa esportiva, mas com ênfase especial na organização esportiva. Esta publicação aconteceu sob os auspícios da criação de um conselho oficial responsável pela elaboração de um estudo sobre a oficialização esportiva. Dessa forma, o momento de publicação da obra não foi mero acaso, pelo contrário, o jornalista tinha claro objetivo de influenciar e formar opinião sobre a comissão escolhida para realizar o estudo. Por isso, na obra estavam expostas medidas como a construção de estádios que acompanhassem o progresso do esporte <sup>46</sup>; organização da entidade de árbitros <sup>47</sup>; punições a jogadores que praticassem “jogadas brutais” <sup>48</sup>; e o fim dos “prêmios exagerados” <sup>49</sup>. Por outro lado, também formulava críticas pesadas em relação a tudo que para ele “degenerasse” a prática do esporte bretão em terras brasileiras, tentando impedir que antigos erros voltassem a ocorrer. E entre medidas punitivas, educativas e de organização o autor publicou um livro que continha forte teor normativo para todos os agentes do futebol, diretores, jogadores, torcida etc.

---

<sup>46</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, S/e. 1939.. P. 19 – 20.

<sup>47</sup> Ibidem. P. 21 – 23.

<sup>48</sup> Ibidem. P. 25 - 26.

<sup>49</sup> Ibidem. P. 45 – 46.

Estas temáticas, e mais exatamente, a questão da organização esportiva no Brasil, foram temas caros ao jornalista desde o início de sua carreira. Em 1934, após uma série de punições feitas pela APEA, o cronista declarou:

“A justiça esportiva está novamente de parabéns. Cada vez mais toma impulso, torna-se mais enérgica, e adquire força e prestígio ressurgindo do descrédito, da falência mesmo em que a haviam atirado a eterna politicalha, a eterna tolerância a indisciplina no ‘association’ local.

Julgando os novos fatos anormais da última rodada, fez uma verdadeira faxina. Ninguém escapou. Jogadores, juízes, diretores, representantes, todos foram para o gancho.

Somente assim poderá se corrigir o nosso futebol, tão mal educado, desviado desde a muito tempo do caminho da correção, por culpa daqueles que tomaram para si o encargo de o dirigir. Se não tivesse crescido em um regime de libertinagens disciplinares não teria degenerado. E, no entanto, tem bons sentimentos, sabe ser ordeiro quando bem aconselhado, quando bem controlado pelos seus educadores, pelos seus dirigentes, pelos justiceiros.

(...) Francamente, não lembramos ter a justiça da APEA, em tempo algum, agido com mãos de ferro, como no momento. Está movida em uma atmosfera de simpatias, recebendo aplausos gerais pela sua ação imparcial e rigorosa. Podemos dizer em alto e bom som que agora existem juízes na APEA, que a entidade possui um Código de Penalidade, que até a pouco nunca passou de uma burla. (...) Estamos certos que os esportistas que a compõem levarão avante a obra de profilaxia disciplinar que iniciaram.”<sup>50</sup>

Thomaz Mazzoni se declarava a favor das punições feitas pela APEA contra jogadores, juízes, diretores e representantes que haviam praticado atos de indisciplina. Estaria a entidade de “parabéns”, e com tal atitude poderia, enfim, “corrigir o nosso futebol”, esporte este que teria se “desviado a muito tempo do caminho da correção” porque cresceu “em um regime de libertinagens”. Portanto, da constatação de uma suposta degeneração, o cronista classificou estas ações de “campanha saneadora”, ou seja, uma campanha de limpeza de fato eliminando e punindo os que não se encaixassem nessas diretrizes disciplinares. Thomaz Mazzoni escreveu que em tempo algum a APEA havia agido com tamanho rigor, o que provaria que a partir de então a entidade possuiria verdadeiros juízes em que seguiriam a risca o “Código de Penalidade”, fundamental para a “campanha saneadora” do futebol paulista.

Todavia, meses depois, o mesmo Mazzoni criticava os rumos da APEA e de seus então comandantes. Seria a que chamou de “politicalha” dentro dos quadros

<sup>50</sup> “Campanha Saneadora” In *A Gazeta*. 03 de Novembro de 1934.

da entidade a grande causadora desses problemas. Nesta ocasião, atacou não somente este comportamento, como também construiu uma teoria para definitivamente acabar com o mesmo:

“Mesmo com a transformação do regime não endireitou. Ademais, está provado e reprovado, através de tantos anos de lutas estéreis e clubismo pernicioso, de que as entidades do nosso esporte não podem, não devem pela felicidade do próprio esporte ser dirigidas por paredros que, ao mesmo tempo, são diretores dos seus clubes.

As entidades vivem viciadas, escravizadas pelos interesses dos clubes, pela politicalha pessoal dos dirigentes, que, desvirtuando sua missão, são sempre advogados dos grêmios que representam e não da coletividade.”<sup>51</sup>

Segundo o jornalista, a solução seria encontrar dirigentes que não estivessem atrelados a clubes, porque de tal forma não ocorreria o que chamou de “clubismo pernicioso”, isto é, colocar-se o interesse dos clubes individualmente acima dos interesses da coletividade. Tal fato seria danoso e perigoso para os rumos do esporte nacional, causando, principalmente, as cisões e brigas entre dirigentes. Neste sentido, o ano de 1934 foi um dos mais movimentados e turbulentos do esporte brasileiro. Mesmo com a adoção do profissionalismo em 1933, alguns defensores do amadorismo, que na época comandavam a CBD, se posicionavam contra estas mudanças. Estes mesmos grupos, acabaram dividindo o esporte brasileiro entre o grupo que comandava a CBD e as chamadas “especializadas”. Como citado no Capítulo I desta dissertação<sup>52</sup>, Thomaz Mazzoni se posicionou a favor da proposta das especializadas qualificando a CBD como contra corrente da renovação esportiva em curso, isto é, ela representava o passado esportivo.

Neste contexto Thomaz Mazzoni criticou o então presidente da CBD, Luiz Aranha e também as atitudes da entidade em relação ao esporte nacional.<sup>53</sup> O jornalista acusou Luiz Aranha, presidente do Conselho Administrativo da CBD, de usar sua aproximação com o poder público – Luiz Aranha era irmão de Oswaldo Aranha que, além de amigo pessoal de Getúlio Vargas exerceu

<sup>51</sup> “Modificações imperiosas” In *A Gazeta*. 24 de Abril de 1935.

<sup>52</sup> Ver Capítulo I. Pg. 54 - 55

<sup>53</sup> Em sua coluna “Olimpicus” publicou a crônica “Saibamos nos livrar da orgia cebedense...” *A Gazeta*. 25 de Maio de 1934.

diferentes cargos políticos ao longo da década de 1930<sup>54</sup> - para favorecer a sua entidade. Segundo o cronista este estaria:

“Aproveitando o dinheiro dos cofres públicos para aliciar jogadores dos clubes profissionais, promover passeios principescos de delegações ao estrangeiro, fazer disputar campeonatos com luxo de organização até aqui desconhecidos.

A sua influência política na questão chegou a tal ponto que ordenou um oficial do Exército ir efetuar a prisão dos jogadores do Palestra, na sede do alvi-verde, quando da questão do selecionado brasileiro, caso os ‘azes’ palestrinos não quisessem devolver o dinheiro com que o emissário cebedense queria suborná-los.

(...) O sr. Luiz Aranha está alimentando a campanha cebedense, desde o primeiro momento, com o dinheiro que obteve dos seus amigos do governo (grande parte é cedido pela Prefeitura do Rio, que o desvia da verba de propaganda e turismo: que mamata!...) está fazendo valer, não as suas habilidades de esportista, e sim a influência política que possui”.<sup>55</sup>

Com acusações fortes tanto à figura pública de Luiz Aranha e aos “seus amigos do governo” - Oswaldo Aranha, o então presidente, Getúlio Vargas, e diretamente ao prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto Baptista. Com ajuda dos “cofres públicos”, Aranha estaria coagindo e subornando jogadores de futebol para a “campanha cebedense”. Thomaz Mazzoni aproveitou este texto para fazer uma comparação entre Aranha e um antigo dirigente do futebol brasileiro, o sr. Prado Junior. Na comparação, deixaria clara a sua preferência por Prado Junior, que, segundo o jornalista, mesmo tendo sido prefeito do Rio de Janeiro, nunca usou dinheiro público para as suas causas frente à LAF. Também fez questão de criticar de forma velada o atual regime político, em comparação com o antigo, instaurado em 1930. Luiz Aranha seria um típico “esportista da República Nova”, por esta razão, declarou “quanto contraste, santo Deus, entre um presidente esportista da República Velha e outro da República Nova”.<sup>56</sup>

Data deste período também um dos momentos de maior crítica d’A *Gazeta* em relação a Getúlio Vargas e ao interventor do governo federal em São Paulo. Nas eleições daquele ano, o jornal fez forte campanha ao Partido Republicano Paulista contra o Partido Constitucionalista. Em “1930 ou 1932?” o redator político do vespertino afirmava ser o primeiro partido um verdadeiro representante do espírito paulistano que defendera sua terra em 1932, enquanto no segundo se sobressairiam os que “passaram pelas ruas da cidade com lenços

<sup>54</sup> SOUZA, Denaldo de. Op. Cit. Pg. 47.

<sup>55</sup> A *Gazeta*. 10 de Dezembro de 1934.

<sup>56</sup> Ibidem.

vermelhos, em sinal de amizade para com os invasores, e de dignos representantes do famigerado e grotesco governo”.<sup>57</sup> No dia seguinte foi publicada na capa do periódico uma caricatura que associava Getúlio Vargas a “despistamentos”, “câmbio negro” e “banha” (alusão grosseira ao peso do presidente), em oposição ao tûmulo de combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932.<sup>58</sup>

Todavia, gradativamente o jornalista passou a apoiar a ideia da intervenção de um órgão público não esportivo para ajudar a manter a ordem e a disciplina no campo desportivo. Deste modo, começava a abandonar a ideia da formação de uma entidade independente do Estado. Em “O controle da C.T”, o cronista expõe sua opinião sobre o controle do órgão da “Censura Teatral” no meio esportivo:

“Quer dizer que teremos, têm, a vigilância policial sobre os jogadores contratados... É a primeira vez que o futebol desperta a atenção e interessa a outros poderes que não sejam esportivos. Todos sabem em que situação vivemos. Sob o ponto de vista esportivo, esse controle de um departamento estranho é bastante lamentável. O futebol, o esporte mais popular entre nós, é antigo, tem, ou melhor, tinha, vida organizada com seus órgãos dirigentes, seus regulamentos e seus códigos disciplinares.

Não seria necessário, portanto, que um departamento policial... teatral cuidasse de vigiar os jogadores e os clubes no cumprimento dos seus respectivos contratos. Tudo isso, naturalmente, deveria ficar a cargo das respectivas entidades, regionais e nacionais. Mas, infelizmente, assim não mais sucede. A direção futebolística era defeituosa e agora ainda por cima anarquizada. O ‘association’ local vem levando uma vida de absoluta imoralidade esportiva.

Atendendo-se, portanto, a essa desordem e desmoralização, a intervenção daquele departamento policial é um bem, um remédio forte”.<sup>59</sup>

Dessa forma, o jornalista identificava na extensão do controle da censura teatral para o meio esportivo a primeira medida tomada pelo poder público para ordenar e organizar o esporte brasileiro. Apesar de acreditar que tal fato em linhas gerais não fosse necessário, diante da situação que caracterizou como “anarquizada”, isto seria uma boa alternativa para se chegar a disciplina e a ordem dentro do campo esportivo. Portanto, se antes Thomaz Mazzoni se mostrava esperançoso com a “campanha saneadora” empreendida pela APEA<sup>60</sup>, ou com a aceitação da proposta de mudanç a do perfil dos dirigentes deste tipo de entidade

<sup>57</sup> “1930 ou 1932?” In *A Gazeta*. 10 de Outubro de 1934.

<sup>58</sup> *A Gazeta*. 11 de Outubro de 1934.

<sup>59</sup> “O controle da ‘C.T’” In *A Gazeta*. 20 de Julho de 1935.

<sup>60</sup> “Campanha Saneadora” In *A Gazeta*. 03 de Novembro de 1934.

esportiva, <sup>61</sup> já no fim de 1935 o cronista estava claramente descontente com os rumos que o esporte nacional havia tomado.

Tal apropriação, se nem sempre foi claramente à opinião de Thomaz Mazzoni, ao longo da década de 1930 passou a ser cada vez mais presente através tanto das críticas aos dirigentes, como também pelas matérias que produziu sobre o esporte em seu país de origem, a Itália. Em pouco menos de dois anos, foram cinco matérias elogiando claramente a ação do regime fascista e do Estado italiano em relação à política esportiva. Seja no depoimento positivo de técnicos estrangeiros que passavam por aquele país e elogiavam “a obra de Mussolini”, <sup>62</sup> ou em fotos garrafais que demonstravam a preocupação e o preparo feito desde a infância até a juventude para a formação de novos atletas, <sup>63</sup> os escritos eram enfáticos em relação à questão disciplinar, <sup>64</sup> e também na afirmação que “nenhum Estado, á exceção de Sparta, já fez tão grande esforço para disciplinar seus jovens como a Itália”. <sup>65</sup> Naquele país, a organização esportiva era subjugada as orientações e os comandos do Estado italiano, e desde que estas medidas foram tomadas os resultados positivos em competições internacionais mostravam grande evolução do esporte naquele país. <sup>66</sup> Deste modo, concomitantemente, as convicções que Thomaz Mazzoni tinha em uma organização civil esportiva independente ter sucesso no Brasil serem pouco a pouco reduzidas, o exemplo de seu país de origem demonstrava um caminho que possivelmente poderia contribuir para a melhoria do esporte brasileiro. Na crítica a falta de organização esportiva no Brasil, o autor contrapunha na exaltação ao regime de força e disciplinador no qual o esporte era gerido na Itália.

Em meio a esta compreensão analítica sobre a situação do esporte brasileiro, Thomaz Mazzoni passou a partir de 1936 a expor de forma clara sua concepção sobre como deveria ser a organização esportiva brasileira dali pra frente. <sup>67</sup> Para o

---

<sup>61</sup> “Modificações imperiosas” In *A Gazeta*. 24 de Abril de 1935.

<sup>62</sup> *A Gazeta*. 28 de Março de 1934.

<sup>63</sup> *A Gazeta*. 08 de Maio de 1934 e *A Gazeta*. 04 de Abril de 1935.

<sup>64</sup> *A Gazeta*. 14 de Dezembro de 1934.

<sup>65</sup> *A Gazeta*. 17 de Julho de 1935.

<sup>66</sup> AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro, Ed. Mauad e Ed. Faperj, 2002. Pg. 59 – 65.

<sup>67</sup> Apesar de afirmar que desde que assumiu o cargo de chefia da seção esportiva *d'A Gazeta* teria defendido a presença do Estado no esporte, o próprio jornalista afirmou que “Intensificamos nossa doutrina nesse delicado terreno no auge da cisão, em 1936, quando fomos os primeiros a

jornalista, a única solução possível para ordenar e disciplinar o campo esportivo brasileiro seria o que nomeou de “oficialização esportiva”, mais exatamente, que todas as entidades desportivas fossem subordinadas hierarquicamente a uma administração estatal. Também a partir de meados de 1936 a *Gazeta* passou de opositora a apoiadora do governo de Getúlio Vargas. Segundo Stycer, isso se deveu à aproximação e criação de uma amizade entre o então presidente da república e Casper Líbero.<sup>68</sup> Tal fato foi menos preponderante na construção da convicção do jornalista, e mais na possível liberdade que este teve não somente nos elogios como nas matérias defendendo a presença do Estado no esporte.

### **3.3 Problemas e aspectos do nosso futebol**

Em “Doutrina dos nove anos”, introdução de *Problemas e aspectos do nosso futebol*, Thomaz Mazzoni comenta não somente os objetivos do livro, mas também da própria coluna “Olimpicus”, que assinava n’A *Gazeta*. Segundo o jornalista, sua coluna era “dedicada exclusivamente aos estudos dos problemas, aos acontecimentos e questões diversas do ‘association’ não só paulista como brasileiro”,<sup>69</sup> servindo dessa forma como espaço de análise dos problemas e questões relativos ao esporte brasileiro. Nesse sentido, deixava claro que o livro seria uma seleção a *posteriori* de um trabalho que, desde o início da década de 1930 vinha sendo feito.

Por mais diversificadas que fossem suas crônicas, elas tinham como ponto central, ao longo daquele período, a crítica ao “regime de livre ação” e a proposta de adoção da “oficialização esportiva”. Na primeira crônica selecionada para o livro, “As três chagas do futebol brasileiro” – originalmente publicada em 1936 - Mazzoni expunha de maneira clara esta posição:

“Como tem sido até agora, com o regime de livre ação, nenhuma paz, nenhuma organização pode garantir o bom futuro do esporte brasileiro. Desde que se pratica e se organizou o esporte no Brasil tem sido levada a efeito uma série de

---

exteriorizarmos completa convicção de que jamais o futebol nacional encontraria seu caminho reto com os velhos remédios de sempre, lhe receitaram os ‘médicos’ da politicalha da bola”. MAZZONI, Thomaz. “Doutrina dos nove anos” In *Problemas e aspectos do nosso futebol*. São Paulo, S/e, 1939. P. 09.

<sup>68</sup> STYCER, Maurício. Op. Cit. P. 58.

<sup>69</sup> MAZZONI, Thomaz, “Doutrina dos nove anos”. Op. Cit. P. 9.



pacificações e de reorganizações, e, no entanto, a chaga da cisão está sempre sangrando.

Não é mais possível! Com a política dos diretores, dos clubes e das entidades nenhuma pacificação pode ter futuro. Lembraremos apenas a última. De 1926 a 1929 tivemos uma das tantas cisões. Fizeram depois as pazes, reorganizaram o futebol local, e quatro anos após surgiu outra cisão. Assim seria sempre. Pacificação, cisão e vice versa, a cada questão de clubes...

Não é possível nos iludirmos mais. É inútil qualquer trabalho de harmonia e reconstrução si não modificarmos radicalmente o regime esportivo nacional, o que somente pode ser feito com a oficialização.

Ingênuos são aqueles que julgam ainda que tudo endireitará com o abraço dos clubes que agora se guerreiam, com a substituição de alguns dirigentes, com a mudança do nome de entidade, ou desta ou daquela filiação direta ou indireta. Tudo isso seria em vão como foi no passado”.<sup>70</sup>

Thomaz Mazzoni, ao contrário do que defendera anos antes, rechaçava a ideia de troca de dirigentes ou de formação de novas entidades. Estas ações, já usadas no passado, já teriam para ele se mostrado ultrapassadas e esgotadas, levando sempre ao mesmo caminho das cisões. Por esta razão, era preciso modificar “radicalmente o regime esportivo nacional”. Esta mudança passaria pela proibição de dirigentes e clubes de formarem entidades e confederações esportivas livremente, porque dessa forma “nenhuma paz” e “nenhuma organização” foram trazidas para o esporte nacional. Em contrapartida, para o cronista era preciso impor a “oficialização”, ou seja, a presença do Estado no esporte brasileiro para regimentar, fiscalizar e organizar uma entidade única e subordinada ao poder público. Propondo um caminho claramente calcado na força e coesão comandados por um Estado forte com inspirações em experiência semelhantes em solo europeu, em especial, a italiana.

A partir desta opinião, Mazzoni via na liberdade de criação de entidades um equívoco. Tal como ele, autores identificados ao pensamento autoritário como Oliveira Vianna viram na república instaurada antes de 1930 e em seu regime liberal também um equívoco. Segundo eles, o federalismo nela implantado seria um retrocesso à integração nacional, e a experiência desse primeiro período republicano impunha a rejeição às fórmulas liberais<sup>71</sup>. Ao analisar o quadro esportivo com cisões e indisciplina que marcavam então o futebol brasileiro, o

<sup>70</sup> MAZZONI, Thomaz. “As três chagas do futebol brasileiro” In *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 14.

<sup>71</sup> FAUSTO, Boris. *Pensamento Nacionalista Autoritário*. Ed. Zahar. 2001, Rio de Janeiro, P. 47.

jornalista também rejeitava as fórmulas de livre ação em termos de organização esportiva nacional. Nas palavras do cronista, este tipo de modelo organizacional e administrativo “nenhuma paz, nenhuma organização pode garantir ao bom futuro do esporte brasileiro”.<sup>72</sup> A comparação entre esporte e política foi feita pelo próprio autor, segundo ele “existe até uma certa analogia entre as cousas do esporte nacional e regional com as da política. Parece que esta reflete sobre aquele... Assim, é muito frequente ver-se a situação do esporte ser a mesma da política do país”.<sup>73</sup>

Dessa maneira, não seria por acaso que o jornalista aumentou ainda mais suas esperanças no projeto de oficialização esportiva após a instauração do Estado Novo em 1937. Na concepção de Thomaz Mazzoni, o regime autoritário iria tomar para si a responsabilidade sobre os esportes. Afirmava por isso, no livro, que “essa campanha (oficialização) começou a ser levada a sério quando o Brasil entrou em novo regime criado pelo 10 de Novembro”<sup>74</sup>. Somente o Estado e sua autoridade teria o poder de disciplinar e ordenar o campo esportivo através de sua “voz autoritária”, assim como havia feito com a imprensa através da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, DIP, entre outros âmbitos sociais:

“Necessitamos do império da obediência, da disciplina, e de um só comando, de um único objetivo para atingir e, portanto, todos devemos marchar por um único sentido, ouvindo e respeitando a voz do comando.

O esporte ao serviço do Brasil requer disciplina idônea, e o esportista deve ser educado e orientado, portanto, dentro da doutrina do Estado Novo. Fora dos princípios do regime não se pode compreender o esporte como força viva da Nação!

Até agora nada disso temos feito nesse terreno. Ao contrário... tudo foi desvirtuado, tudo falhou e degenerou, inclusive a base mestra do esporte: a disciplina.

A voz autoritária do comando, eis que nunca existiu no nosso esporte, onde não se conhece a obediência e onde não existe responsabilidade, harmonia, a hierarquia”.<sup>75</sup>

Nesta crônica, podemos observar as palavras chaves que caracterizavam o conceito de boa administração esportiva para o autor – para o qual a harmonia, a

<sup>72</sup> MAZZONI, Thomaz. “As três chagas do futebol brasileiro” In *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 14.

<sup>73</sup> MAZZONI, Thomaz. “Doutrina dos nove anos” In *Problemas e aspectos do nosso futebol*. S/e. São Paulo, 1939. P. 09 - 10.

<sup>74</sup> *Ibidem*. P. 10.

<sup>75</sup> *Ibidem*. P. 41.

hierarquia, e, principalmente, a disciplina eram o segredo para uma orientação esportiva correta. Para que esses conceitos pudessem ser postos em prática, apenas a partir da “voz autoritária” de comando e liderança do Estado Novo poderiam fazê-los. Afirmava que cada esportista brasileiro deveria ser doutrinado e educado sobre as diretrizes impostas pelo governo, e, assim, “ouvindo e respeitando a voz do comando” estaria o desporto nacional em um caminho de desenvolvimento.

Para os contemporâneos, não seria difícil relacionar a posição de Mazzoni sobre o esporte com alguns dos mais importantes debates sobre a nacionalidade do tempo. Estes conceitos foram de diferentes maneiras abordados por autores como Oliveira Vianna, Francisco Campos e Azevedo Amaral, intelectuais identificados ao pensamento autoritário no Brasil, como também para pensadores que não tinham identificação com esta concepção política.<sup>76</sup> O debate sobre a ausência entre os brasileiros de uma noção sobre hierarquia social, assim como a harmonia social e racial, e por fim, a questão da disciplina, em especial no que tange a questão disciplinar da força do trabalho, foram conceitos largamente debatidos e teorizados entre pensadores como Sérgio Buarque de Hollanda e Gilberto Freyre.<sup>77</sup> Deste modo, Thomaz Mazzoni trazia para campo esportivo conceitos que estavam em voga em outras esferas intelectuais para criticar a situação que julgava ser de desordem.

Um dos pontos afirmados pelo jornalista seria a falta de sentimento nacional entre os homens do esporte, o que levaria a certo comportamento comum entre eles: a irresponsabilidade perante a coletividade.<sup>78</sup> Dessa forma, o cronista afirmava que as ações e as decisões dos comandantes do esporte seriam tomadas não pensando no bem comum e no país, mas sim, nos ganhos pessoais e nas decisões tomadas de forma individualista - o que impediria o liberalismo de associação e perpetuação das entidades esportivas:

“O presidente de um nosso clube tem a mentalidade de todos os outros dirigentes, cuida somente do seu grêmio (...). Essa é a mentalidade do homem que dirige o clube esportivo neste terra. Jamais o dirigente esportivo brasileiro perderá seus

---

<sup>76</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *Pensamento Nacionalista Autoritário*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar. 2001.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 179 – 180.

graves defeitos, jamais deixará de ser um politiquero, um ‘cacique’, um irresponsável perante a coletividade<sup>79</sup>.”

A falta de solidariedade entre os brasileiros, que não construiria entre a população o sentimento de respeito à coletividade, foi um ponto de análise comum entre intelectuais na década de 1930, atrelados ou não ao pensamento autoritário. Entre estes, podemos destacar Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. Em *Raízes do Brasil*, o último afirmou que fruto do personalismo português e singular frouxidão frente à estrutura social produziu uma falta de capacidade de organização, de “livre e duradoura associação”, e “comportamentos orientados para um objetivo material comum”. Este quadro produziu uma base precária para as ideias de solidariedade e permanência das instituições, e a expressão viva desse comportamento seria o “homem cordial”.<sup>80</sup> Deste modo, Holanda mesmo estando longe de uma aproximação com as ideias autoritárias, afirmava as dificuldades que os supostamente os brasileiros teriam em construir relações de solidariedade duradouras. A própria expressão utilizada pelo historiador paulista - “livre e duradoura associação” – se assemelha as opiniões de Thomaz Mazzoni, que de forma constante afirmou ser impossível a duração das entidades esportivas, sempre sofridas com cisões e brigas internas.

Em Oliveira Vianna, a noção de solidariedade também é central, e mereceu um capítulo de *Populações Meridionais do Brasil*. Para o sociólogo, a ausência de solidariedade, assim como em Mazzoni, também atuava como conceito explicativo de nossa incapacidade para a vida política nos moldes liberais democráticos. Em avaliação próxima à de Holanda, afirmava prevalecer entre nós a “solidariedade parental da família senhorial”, “do clã rural”, portanto, restrita à família estendida, resultando dessa específica “formação social” a insolidariedade presente na sociedade brasileira.<sup>81</sup> Podemos estender esta ideia de “clã” proposta pelo pensador ao conceito de “clubismo” nas análises do jornalista italiano. Este fazia com que os dirigentes só trabalhassem pelos seus respectivos grêmios, e quando algo não lhes agradava simplesmente saíam das entidades gerando cisões

---

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Apud BRESCIANI, Maria Stella Martins. Op. Cit. P. 111.

<sup>81</sup> VIANNA, Oliveira. Apud. Ibidem. P. 117.

e indisciplina.<sup>82</sup> Neste sentido, tanto um conceito quanto o outro, construía um cenário de ausência de solidariedade coletiva.

Segundo Thomaz Mazzoni, o clubismo fazia com que cada clube se tornasse um partido político, e, conseqüentemente, o seu dirigente um verdadeiro representante deste partido, produzindo um “mandonismo crônico”,<sup>83</sup> como definiu. No uso negativo do conceito de “partidos políticos” o escritor se assemelhava novamente às opiniões de Oliveira Vianna, que acredita que “os partidos não têm conteúdo real”, e estes junto com o voto universal seriam erros na sociedade brasileira.<sup>84</sup> Por outro lado, mesmo não entendendo de forma negativa o uso dos partidos políticos, Sérgio Buarque de Hollanda também compreendia que sua adequação no país, fruto da mania de importar ideias europeias a realidade brasileira, gerou “a ausência de partidos políticos entre nós”, e “ausência de partidos políticos de ideias”.<sup>85</sup>

Um ponto central da argumentação do cronista esportivo também aproximaria suas ideias daquelas então defendidas por outros intelectuais autoritários: a crença no papel reformador do Estado. Ao mostrar sua confiança no papel central deste agente para regenerar e “colocar o esporte brasileiro no bom caminho, no regime de disciplina e de progresso”<sup>86</sup>, aproximava-se da ideia do culto ao Estado como única maneira de elevar o país ao nível de uma verdadeira nação – como afirmavam alguns intelectuais de revistas como a *Cultura Política*.<sup>87</sup> Assim como estes, acreditava em um estado forte como a forma de governo mais adequada ao Brasil, tanto que afirmou que toda a prática esportiva para ser útil ao país deveria estar “dentro da doutrina do Estado Novo”.<sup>88</sup> Nesta doutrina, a prática esportiva teria hierarquia, disciplina e harmonia sem cisões,

<sup>82</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 17 – 18.

<sup>83</sup> Ibidem. P. 97.

<sup>84</sup> VIANNA, Oliveira. Apud. CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit. P. 191.

<sup>85</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Apud BRESCIANI, Maria Stella Martins. Op. Cit. P. 302.

<sup>86</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 10.

<sup>87</sup> A revista de Cultura Política era um órgão oficial do Estado Novo nela escreviam a elite dos intelectuais do período, esses “grandes intelectuais” seriam os formulados/criadores da ideologia estadonovista. Para eles, o Estado entraria em todos os campos da sociedade com o papel de direção e organização da mesma segundo boa parte desses intelectuais aparentados com a corrente intelectual autoritária. VELLOSO, Monica. “Cultura e poder político” In LIPPI, Lúcia Oliveira (org.) *Estado Novo: Ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1982. P. 72.

<sup>88</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 41.

servindo na *capilarização*<sup>89</sup> de formas de conduta e ideias para toda a sociedade, e bem servindo ao desempenho esportivo. A singularidade do cronista seria exatamente esta, o uso de conceitos e ideias que não foram formuladas necessariamente para o esporte, e assim usá-las em prol deste para que assim pudesse ajudar no desenvolvimento da nação.

Para que fosse possível a regeneração do esporte brasileiro através do controle do Estado, Thomaz Mazzoni propunha que, em substituição aos dirigentes de clubes,<sup>90</sup> os cargos das entidades esportivas deveriam ser ocupados por “técnicos”. Esta figura seria um “idealista”, “trabalhador em prol do bem comum”, “administrador” e “batalhador” das causas do esporte, e em contraponto a ele estariam os “politiqueiros”.<sup>91</sup> Para o cronista, o termo “politiqueiros” estava diretamente associado à busca do interesse particular, marcando o tipo de problema que ele enxergava no esporte nacional. Na contraposição a ele, o apelo á técnica se ligava á valorização da força impessoal do Estado. Segundo Velloso, o conceito de política ganhava então novos contornos para os intelectuais da revista *Cultura Política* - adquirindo um estatuto de cientificidade, uma opção técnica, mais objetiva e realista de acordo com a realidade brasileira. Dessa forma, a opção pela técnica seria a forma mais racional e coerente para lidar com os problemas brasileiros. Sem a importação de fórmulas estrangeiras nem os prejuízos do interesse individual, ela poderia buscar a resolução dos problemas nacionais a partir da análise e aplicação realista das soluções.<sup>92</sup>

A aplicação da técnica demandaria, porém, uma estrutura e organização esportiva que permitisse a boa realização dessa gestão técnica do esporte – que, por seu caráter objetivo, serviria indistintamente a todas as instâncias esportivas do país. Por isso, o autor escreveu que não só nas entidades esportivas, mas também dentro dos próprios clubes, era preciso “formar (...) uma cadeia de confiança de alto a baixo” entre a mais alta autoridade esportiva até “o último

---

<sup>89</sup> Cf. PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro, Ed. Apicuri e Ed. PUC – Rio. 2010.

<sup>90</sup> O termo “politiqueiro” foi usado de forma pejorativa em relação aos dirigentes esportivos em diversas crônicas da obra tratada, por ex. MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit P. 179 – 180.

<sup>91</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 74.

<sup>92</sup> VELLOSO, Monica. Op. Cit. P. 87.

dirigente de clube”<sup>93</sup> – propondo uma hierarquização que ia desde o presidente da República até os dirigentes locais:

“Todos devem ser responsáveis perante os seus superiores hierárquicos pelo bom desempenho das suas funções. O chefe supremo deve ser responsável perante o Estado; o presidente da entidade nacional perante aquele chefe, o presidente da entidade regional deve dar conta da sua ação ao seu superior federal, o mesmo deve acontecer com os presidentes de clubes.”<sup>94</sup>

Para que essa estrutura proposta pelo jornalista desse certo, Mazzoni voltava a identificar a imprensa como importante agente nesse processo. Segundo ele, seria a imprensa a responsável por preparar o ambiente das partidas, motivo pelo qual tanto jornalistas como repórteres deveriam ter consciência de seu papel, de sua missão frente à coletividade. Por esta razão, apoiava forte vigilância do Estado sobre esta, quando necessário até mesmo através da censura. “Quando pretendemos que o campeonato brasileiro de futebol atinja sua verdadeira finalidade, devemos (...) estabelecer rigorosa censura à imprensa e ao rádio esportivo”,<sup>95</sup> afirmava em um de seus artigos. Ao final da crônica, escreveu que esta proposta é bem vista entre “elementos são que trabalham nos jornais e no rádio do país para servir o esporte e não para explorá-lo”<sup>96</sup>, deixando claro que além dele havia outros interlocutores que apoiavam a inserção do Estado na imprensa esportiva.

A partir da certeza que o desporto brasileiro só teria progresso com a presença disciplinadora do Estado, Thomaz Mazzoni militou entre os que acreditavam e apoiavam o regime estadonovista. Nesta trajetória, o autor trabalhou para pensar a organização esportiva no Brasil com conceitos de hierarquia, autoridade e unidade, conceitos estes que permeavam diferentes pensadores que construía das mais diferentes maneiras narrativas sobre a nação e a questão da nacionalidade brasileira. Por mais que intelectuais, como Sérgio Buarque de Hollanda e Oliveira Vianna, tenham opiniões dicotômicas sobre a forma de governo o país deveria assumir, a obra apenas esboçada da construção da nacionalidade brasileira seria o grande problema do país para boa parte desses

<sup>93</sup> MAZZONI, Thomaz. *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 180.

<sup>94</sup> *Ibidem*. P. 75.

<sup>95</sup> MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. S/e. São Paulo, 1941. P. 90.

<sup>96</sup> *Ibidem*. P. 90.

autores, aparentados com correntes de direita ou não. Deste modo, acreditavam que seria preciso “criar a nação”.<sup>97</sup>

Na obra *Problemas e aspectos do nosso futebol*, Thomaz Mazzoni construiu uma narrativa que dialogava diretamente com esta questão da nacionalidade. Juntava-se, dessa forma, mesmo quem sem essa intensão, a intelectuais das ciências humanas, identificados ao regime autoritário ou não, na busca pelo entendimento do “caráter nacional”.<sup>98</sup> Ao tentar entender e produzir uma espécie de doutrina – o termo doutrina é usado não por acaso pelo próprio na primeira crônica da obra, “Doutrina dos nove anos”<sup>99</sup> – sobre os rumos do esporte nacional, também construiu uma análise sobre suas mazelas e comportamentos sociais de seus diferentes membros.

O próprio momento de lançamento do livro não seria por acaso. Após crescimento de sua popularidade com o lançamento de *O Brasil na Taça do Mundo*, e sob o contexto de oficialização esportiva estadual, o jornalista aproveitou o momento para influenciar e se posicionar sobre os aspectos que cercavam o meio esportivo. Mesmo usando crônicas antigas, estas quando compiladas e organizadas de forma conjunta ganham nova força e sentido. Se deixou de lado os textos sobre clubes, partidas e da própria seleção brasileira, formou um discurso fortemente coeso sobre as questões que envolviam a organização e medidas disciplinares para o esporte brasileiro. Usadas desta forma, os textos construíram uma compreensão diferente do período em que foram publicadas de forma espaçada, entretanto, como analisei na primeira parte desse capítulo, nem sempre sua forma de compreender os rumos esportivos foram as mesmas.

### **3.4 A organização esportiva a construção da nacionalidade:**

<sup>97</sup> A identificação da ausência de identidade nacional como o grande problema brasileiro também estava presente entre intelectuais que não estavam aparentados com a corrente autoritária. Cf. CAPELATO, Maria Helena. Op. Cit. Sobre os intelectuais autoritários e a constatação desse problema como central Cf. FAUSTO, Boris. Op. Cit. P. 45.

<sup>98</sup> Podemos identificar os trabalhos de Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre entre outros intelectuais do período que buscavam entender o Brasil para assim transformá-lo. Alguns até mesmo chegaram a exercer cargos dentro do corpo estatal, como Francisco Campos e o próprio Oliveira Vianna. Ver BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre os interpretes do Brasil*. São Paulo, Ed. Unesp, 2007. P. 29.

<sup>99</sup> MAZZONI, Thomaz. “Doutrina dos nove anos”. Op. Cit. P. 09.



Após os seguidos lançamentos de *O Brasil na Taça do Mundo e Problemas e aspectos do nosso futebol*, Thomaz Mazzoni acabara de ter duas experiências editoriais dicotômicas. Se por um lado, o primeiro foi um sucesso de vendas, o segundo foi um completo fracasso, merecendo, inclusive críticas do próprio jornalista sobre a falta de interesse do público esportivo pela obra.<sup>100</sup> Talvez informado por esta diferença, em 1940, o jornalista publicou um novo livro que se diferenciava das duas publicações anteriores por seu gênero e estilo: ao invés de lançar mais uma compilação de crônicas doutrinárias sobre o esporte, escreveu uma obra que ele mesmo definiria como o primeiro “romance esportivo cem por cento”<sup>101</sup> editado no Brasil: *Flô, o melhor goleiro do mundo*. A mudança de gênero não alterava, no entanto, o foco de suas preocupações. Ainda que pela ficção, continuava a tematizar o universo que marcava suas preocupações nas obras anteriores - pois, segundo ele, o romance serviria para aumentar e cultivar a “cultura esportiva” dos brasileiros.<sup>102</sup> Tratava-se, assim, de clara tentativa do autor de cultivar um gênero popular, como o romance, para aumentar a penetração de suas mensagens esportivas.

*Flô, o melhor goleiro do mundo*, era um romance dividido em nove capítulos. Único trabalho de ficção escrito por Thomaz Mazzoni, ele tinha como protagonista, como anuncia o título, o goleiro “Flô” - atleta que, nascido pobre, se tornaria ídolo em seu bairro de origem por suas atuações com a camisa do “Velox FC”.

Narrada em terceira pessoa, a história começa com a derrota do Velox FC para o seu maior rival, adversário direto na luta pela liderança pelo “campeonato cidadão”. O resultado adverso teria acontecido na casa da equipe do Velox FC, e teria sido responsabilidade direta da irreconhecível atuação de Flô, até então destaque do clube.<sup>103</sup> As falhas do goleiro geraram a fúria da torcida e críticas por parte de alguns dirigentes, que convocaram uma reunião para tratar do caso.

---

<sup>100</sup> MAZZONI, Thomaz. “Uma grande cruzada” In *Problemas e aspectos do nosso futebol*. Op. Cit. P. 82.

<sup>101</sup> MAZZONI, Thomaz. *Flô, o melhor goleiro do mundo*. São Paulo, S/e, 1940. P. 11

<sup>102</sup> Ibidem.

<sup>103</sup> MAZZONI, Thomaz. “Um duplo fracasso em plena fase final do campeonato”. Op. Cit. P. 17 – 19.

Nesta, o técnico, “Laurent”, e o vice presidente do grêmio, “Dr. Ravani Menezes”, defenderam o arqueiro e asseguraram seu lugar como titular.<sup>104</sup>

Contudo, o próprio goleiro convocou uma reunião com o treinador e o dirigente para conversar sobre o caso, e nesta oportunidade pediu que não fosse escalado no próximo jogo. Isto porque Flô passava por momentos emocionalmente difíceis. O grande problema seria seu namoro com “Lydia”, uma namorada de infância, que o havia deixado psicologicamente abalado. Como explica o goleiro, o pai de Lydia teria prometido sua mão a outro homem, contra a vontade de sua filha, causando a tristeza de ambos os personagens.<sup>105</sup> Mesmo frente aos pedidos do arqueiro, no entanto, ele acaba novamente escalado na partida seguinte – na qual, assim como no jogo anterior, foi o maior culpado pela derrota do Velox FC.

A partir deste enredo, Mazzoni traz à cena alguns personagens ligando-os ao mundo do esporte através dos quais tece de forma sutil suas críticas ao campo esportivo nacional. Os primeiros seriam os chefes de torcida do Velox FC. Descritos como criadores de tumultos e inventores de boatos, eles seriam os responsáveis pela pressão sob Flô, mobilizando parte da torcida contra ele. Além deles, também uma parte da imprensa era descrita como responsável por aumentar ainda mais os boatos e mentiras sobre a atuação ruim do personagem central. Teria a imprensa esportiva levantado afirmações que o goleiro teria se vendido ao adversário, ou mesmo fazendo corpo mole. Este era o caso, em especial, do jornal “Nota Esportiva”, que tinha como um de seus principais redatores o “Cazuza, repórter mais venenoso da imprensa esportiva local”.<sup>106</sup>

Soma-se aos insuflados torcedores e jornalistas inescrupulosos, os sócios do clube, criticados pela precipitação e irritação desmedida contra o arqueiro - que levou à realização de uma reunião de emergência na qual pediram o seu afastamento. Por fim, Mazzoni coloca no papel de vilão da trama os próprios companheiros de time de Flô, que durante a partida haviam quase agredido o goleiro devido a suas falhas.<sup>107</sup> Deste modo, identifica em quatro tipos de

---

<sup>104</sup> Ibidem. 21

<sup>105</sup> Ibidem. P. 25

<sup>106</sup> Ibidem. P. 26

<sup>107</sup> Ibidem. P. 28 - 29.

personagens distintos, jogadores, imprensa, dirigentes e torcedores atitudes que considerava serem negativas ao âmbito esportivo. Todos eles estariam sendo movidos não pela disciplina e a ordem, mas por sentimentos mesquinhos e paixões clubísticas.

Nem todos os envolvidos com o esporte teriam, no entanto, este tipo de comportamento. Em contraponto a essas figuras, apareciam os personagens de Dr. Ravani Menezes e o redator esportivo do jornal “Eco da Noite”, Demostenes Fortunato. O primeiro fez uma declaração oficial sobre o caso, que tinha como objetivo apaziguar os ânimos e também tentar por fim à série de boatos que surgiram com os últimos acontecimentos. O dirigente e suas declarações são descritas na obra como “serenas, e sem qualquer sentido de escândalo”.<sup>108</sup> Já o redator esportivo, em sua crônica diária, criticava o aparecimento de boatos e mentiras sobre o caso, assim como o comportamento tanto de jogadores, quanto dos sócios e da torcida do Velox. Também seria este, “amigo e crítico sereno”, que poderia ajudar a desmentir e publicar uma nota oficial do próprio goleiro contra aqueles boatos.<sup>109</sup> Na contraposição entre a posição destes e a dos demais envolvidos com o caso, evidencia-se de forma ainda mais clara o caráter nocivo da atuação dos que se entregavam às críticas e ataques a Flô.

No correr da narrativa, Flô, após o falecimento do pai de Lydia acaba voltando para os braços de sua amada, e retomando a concentração e o seu lugar na equipe titular do Velox FC. Mesmo sob a desconfiança da torcida e diretoria, devido às “histórias inventadas pelo jornaleco de Cazuza”, que afirmavam que o arqueiro tinha sido “engavetado”, isto é, comprado pelo time adversário,<sup>110</sup> o goleiro contava com o apoio tanto de sua amada quanto do técnico Laurent e do Dr. Ravani Menezes. Graças a eles, consegue se reabilitar, sendo o grande responsável e herói na conquista do campeonato citadino daquele ano por sua equipe.

Percebe-se, assim, como o romance de Mazzoni aprofundava, de forma mais aberta e acessível, temas e questões já presentes em seus escritos doutrinários. Mesmo que se tratasse de uma ficção, *Flô, o melhor goleiro do mundo*, abordava

---

<sup>108</sup> Ibidem. P. 28

<sup>109</sup> MAZZONI, Thomaz. “A queda de um ídolo”. Op.Cit. P. 36 – 37.

<sup>110</sup> MAZZONI, Thomaz. “A grande oportunidade para a reabilitação”. Op. Cit. P. 68.

de forma lúdica boa parte das críticas e análises presentes em seus outros textos. O caráter fraco e pouco disciplinado do jogador brasileiro, tema constante de suas crônicas, se evidencia de maneira clara nos dramas pessoais de Flô, assim como nas reações de seus companheiros de time contra ele. Do mesmo modo, o despreparo da torcida, movida que era pela paixão clubística e emoções imediatistas, alimentava na trama os males atravessados pelo goleiro. Presos em seus próprios vícios, jogadores e torcedores seriam assim elementos nocivos ao bom desenvolvimento do jogo.

Os grandes vilões da trama, no entanto, eram mesmo os sócios dirigentes do Velox, assim como a imprensa esportiva (representada por Cazuza). Foram estes os sujeitos que, dentro do clube ou por meio das páginas do jornal “Nota Esportiva”, construíram todo um contexto de boatos, mentiras e invenções sobre a vida e a atuação de Flô. Assim como a torcida, que deveriam ajudar a guiar, os dirigentes eram movidos por paixões clubísticas, o que os levariam a colocar a emoção à frente da razão e do próprio bem estar do clube e das entidades esportivas que pertenciam. Já a imprensa esportiva, mais interessada em fofocas e invenções de histórias sobre os jogadores do que no efetivo desenvolvimento do esporte, teria como preocupação única a de produzir notícias que ajudasse na venda de jornais, sem nenhuma preocupação formativa. Por tal motivo, acabava se aproveitando tanto das paixões dos dirigentes, reproduzindo os boatos inventados por eles, quanto da torcida, que interessada pelas notícias e também movidos a paixões acabavam comprando o discurso construído nas páginas do jornal. Configurava-se assim, com a força da ficção – capaz de atrair o interesse de leitores pouco interessados em discussões doutrinárias - os males do esporte nacional que Mazzoni já havia caracterizado em seus escritos anteriores.

O diagnóstico para o problema estava, no entanto, na própria trama. Como forma de dar a ver um tipo de comportamento modelo tanto para a imprensa quanto para os dirigentes, Mazzoni construiu os personagens do redator esportivo do “Eco da Noite”, e também o Dr. Ravani Menezes. Seriam estes, descritos como serenos, conciliatórios e honestos, não se deixando levarem nem pela paixão clubística, quanto pela promoção editorial descompromissada com a verdade. Dessa forma, estes seriam os verdadeiros líderes, orientadores e conselheiros tanto dos jogadores quanto das torcidas, agindo de forma prudente, ao mesmo tempo

apaziguavam ânimos e orientavam os comportamentos e modos de agir de outros personagens.

Portanto, *Flô, o melhor goleiro do mundo* tentava de uma maneira nova unir o discurso doutrinário e analítico presente no livro de 1939, com uma narrativa leve, fortemente atrelada ao aspecto esportivo e emocionante, que está presente na obra de 1938. Ao mudar de gênero como forma de buscar um maior número de leitores, parecia responder ao fracasso de vendas de seu livro anterior, abertamente doutrinário. Nem por isso, no entanto, deixava de tecer críticas e análises em relação ao futebol brasileiro. Se não chegava a propor na obra formas claras de organização e administração esportiva, a descrição do perfil de comportamento dos personagens que fazia dava a ver quais seriam os comportamentos por ele considerados degeneradores, assim como o caminho a ser seguido por uma boa gestão do desporto nacional. Ficava claro, nesses caminhos, que tanto a torcida quanto os jogadores ocupavam nesse processo papel secundário: movidos por interesses pessoais e paixões mesquinhas, eles precisavam do bom senso e da direção dada ao caso por dirigentes como o Dr. Ravani Menezes ou jornalistas como Demostenes Fortunato.

Ficava claro aos que chegassem ao final do romance que era sob sua direção e ação que se deveria desenvolver a vida esportiva do Velox. F.C., microcosmo do universo esportivo brasileiro, então entregue à desordem e anarquia das paixões esportivas individualistas.